

POLÍTICA E PURPURINA: A EXPERIÊNCIA DO ESPETÁCULO “A ALMA ENCANTADORA DO BECO”

Djalma Thürler¹

Resumo:

O “Beco da OFF” é um conglomerado composto de bares, pela boate OFF Club e duas saunas que, juntos, formam uma vitrine daquilo que mais marca a noite baiana: a diversidade, o hibridismo cultural. A partir de categorias como a flexibilidade, pluralidade, o consumo descartável, as noções de risco e os novos espaços e lugares para o entendimento do mundo contemporâneo, pretende-se aqui falar sobre um determinado traço da noite baiana (Salvador/Brasil), que é a ocupação urbana do Beco da OFF. O Beco tem se tornado, por excelência, o espaço de sociabilidade dos OFF, dos losers, o espaço da excentricidade. Se outrora o Beco era povoado apenas sextas e sábados, como a ante-sala da boate OFF Club, o que vemos hoje, nitidamente, é a ampliação do espaço de ocupação (de quarta a domingo) e o fluxo/ consumo cada vez maior da população LGBT de Salvador e, claro, de turistas. Importante ressaltar a participação protagônica dos donos da Creperia LaBouche (onde o show de Valerie é realizado), Ricardo Brasil e Joana LaBouche, um casal heterossexual que tem ajudado a transformar aquele espaço num espaço de, porque não dizer, resistência e cultura.

Palavras-chave: Beco da OFF. Cultura LGBT. Valerie O’Harah.

"Somewhere, over the rainbow, way up high,
There's a land that I heard of once in a lullaby.
Somewhere, over the rainbow, skies are blue,
And the dreams that you dare to dream really do come true."
(Alice, em *O mágico de Oz*)

A gênese dessa pesquisa nasceu quando pensávamos a construção de uma personagem para a encenação do espetáculo “Eu sempre tive a ilusão que um dia você ia me abraçar”. A cena era o encontro de um rapaz com uma *drag queen* num bar GLS. Procuramos algumas referências na literatura e no cinema, não especificamente sobre um bar guei², mas sobre aquilo que para nós mais caracteriza um lugar como esse, suas diversidade e pluralidade de tipos e desejos.

Partimos, primeiramente, para uma pesquisa comparativa e assim optamos pela leitura do roteiro do filme “*Bar Esperança, o último que fecha*” ou *não se preocupe, nada vai dar certo!* dos autores Armando Costa, Denise Bandeira, Euclides Marinho, Hugo Carvana e Martha Alencar.

Como pesquisa complementar, líamos na grande rede matérias sobre o filme e, em especial, sobre o ator, roteirista e diretor Hugo Carvana. Numa dessas matérias informais, intitulada “Memória teresinense: Nós e Elis/Bar Esperança”³, descobrimos que o referido bar da capital piauiense, o bar “Nós e Elis”, se tornaria, na primeira metade da década de 90, “o centro de irradiação cultural mais importante que Teresina nunca mais teve desde o seu fechamento, em meados de 1994”. Esses foram, pois, os pontos de partida para o que agora se esboça aqui, queríamos pensar e falar de um espaço

¹ Pesquisador Pleno do CULT/UFBA e Coordenador do CuS (Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade). Professor Permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA) e do Programa de Estudos Interdisciplinares sobre a Univesidade (UFBA). Diretor, tradutor, autor de teatro.

² Guei, sem *italic* ou qualquer outro desatque formal é uma maneira de marcar certa produção teórica e ensaística brasileira, cujo principal precursor é João Silvério Trevisan.

³ <http://www.overmundo.com.br/overblog/memoria-teresinense-nos-e-elisbar-esperanca>. Acessado em 30/05/2013.

social em Salvador que representasse o espaço da sociabilidade da diferença e da diversidade, um lugar que fosse um centro de irradiação de cultura.

O “Beco da OFF” foi o lugar escolhido por algumas razões. Ele é uma espécie de desdobramento da boate *OFF Club*, uma das mais prestigiadas da noite GLS baiana. Surgida lá pelos idos de 1999 no coração da Barra, o espaço alternativo, interessante, *cult* e *fashion* passou a ser referência da cena baiana para todas as tribos que procuravam boa música, com os melhores DJs da cidade. Assim, as pessoas começaram a marcar para se encontrarem por lá. Heterossexuais masculinos e femininos, casados, gueis, lésbicas e travestis, o lugar impressiona pela diversidade.

Num primeiro momento achamos sugestiva para o título desse artigo a aproximação do nome pelo qual o lugar é conhecido e o filme “Bar Esperança”, de 1983. O subtítulo não faz nenhuma referência ao ativismo político conhecido, mas, sobretudo, porque *Stonewall Inn* era um bar divertido no centro da zona guei da cidade de Nova Iorque e transformou-se num lugar, apesar de pintado de preto, colorido, animado e tolerante que atraía uma grande variedade de tipos de pessoas, assim como o “Beco da OFF”.

É nesse momento que entra em cena os Estudos Culturais que, apesar de não constituírem uma linha de pensamento que analisa a especificidade do espaço urbano em sua essência, tem sido utilizada cada vez mais para o estudo de fenômenos característicos da pós-modernidade, na qual o chamado multiculturalismo está imbricado. Trata-se de um exercício de leitura acerca do narrador e da temática da cidade aí representados, tendo em conta o modo como essas representações tornam-se familiares aos debates atuais sobre os territórios da subjetividade.

Minha história com o Beco da OFF data de 2009, quando parei para pensar na disciplina Espetáculos Culturais Contemporâneos, do Curso da Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. O curso batizado de “A cidade como território das subjetivações e a arte como experiência histórica da contemporaneidade” queria observar como a cidade tem sido ocupada pelos artistas, mas, também, como o espaço urbano tem se tornado experiência importante enquanto lugar público de referência afetiva e cultural.

E é mais ou menos a partir desse período que o Beco da OFF, em Salvador, vem sofrendo alterações significativas em sua cadeia produtiva cultural. Uma das razões, sem dúvidas, é o show da transformista Valerie O’Harah, que todas as quintas-feiras se apresenta sob o toldo da Creperia La Bouche, restaurante que faz parte do conjunto de estabelecimentos comerciais do Beco, que conta com mais um bar/restaurante, o Farol Tropical, duas saunas e a boate *OFF Club*, ou seja, o Beco pode ser considerado um “mercado contemporâneo de bens eróticos”, embora não seja tão objetivo, vasto e diversificado como o de São Paulo (Bráz, 2012, 23). Nessas noites de quinta-feira, o Beco passa a ser experienciado “como um grande arquivo de signos legíveis” (Thürler, Fernandes, 2011, 05) e não é raro o consumidor ter que esperar em pé por uma mesa ou ter alguma dificuldade para ir ao banheiro por causa da lotação. Com o *show* de Valerie ganham todos. A própria artista que, esbanjando sofisticação com suas dublagens, abre espaço de trabalho na dura noite do mercado guei (com cachês baixos e péssimas condições técnicas), os donos dos estabelecimentos, que passaram a colocar as quintas-feiras na rota dos “bons dias”, garçons, que lucram com seus 10%, ambulantes que vendem chicletes, flanelinhas que tomam (tomam?) conta dos carros, massagistas charlatãs, michês e putas. Todos sempre agitados à procura de novidades, completando-se, misturando-se, confundindo-se.

Toda essa experiência foi ou tem sido flagrada em duas grandes ações. Uma, através do espetáculo teatral *A Alma encantadora do Beco (sic)* e, outra, da dissertação de Mestrado de Fábio Fernandes, *A alma encantadora do beco – um convite à saída de nossos refúgios em uma visita às margens* da qual sou orientador.

O espetáculo que escrevi e dirigi em 2012 para Valerie O’Harah e o ator Duda Woyda é claramente inspirado em João do Rio, no clássico *A alma encantadora das ruas* e, também, nos musicais dos anos 60, como o “Show Opinião”, com Nara Leão, Maria Bethânia e Zé Ketti e

“Brasileiro: Profissão Esperança”, com Paulo Gracindo e Clara Nunes. Dos musicais citados extraímos, além das músicas – o espetáculo é um pequeno musical –, alguma dose de política identitária; de João do Rio, o fascínio ambíguo pela rua e a figura do *flanèur*, que “segue recolhendo imagens de cenas urbanas esparsas, que se sucedem à medida que avança entre a multidão e as mercadorias” (Couto, 2008, 78). Assim, a obra de João do Rio é utilizada como espinha dorsal, como epicentro de uma elegia à rua, que não é mais tão verde como cantara a cançonetista de Montmartre nas páginas da, então moderna cidade do Rio de Janeiro, porque “tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua” (João do Rio, 1997), aliás frase com que o cronsita carioca inicia seu texto:

“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas . (idem, 48-49)

A rua é o espaço de todas as tribos, todas as ideologias e todas as identidades e, se como pensou João do Rio, as ruas tem alma, religião, a do Beco da OFF se configura como uma máquina enunciativa de muitas, muitas almas, muitas religiões, muitos discursos, carregada de conteúdo ético, político, identitário, estético, moral e, como tal, se abre às reflexões acerca da construção de uma alteridade urbana atravessada, complementarmente, por saberes molares-macropolíticos e, ao mesmo tempo, embebido em subjetividades e saberes micropolíticos-moleculares (Guatari, 1982).

O *flanèur*, nessa busca, assume posturas incorporadas ao cotidiano e, inventando, deixando-se atravessar por outros saberes, descobre que a rua é espaço ambíguo, de solidariedade e confronto, espaço de produção complexa, heterogênea, improvável, conflituosa e mutante. Espaço onde os corpos escrevem seus desejos e se inscrevem no espaço banal da horizontalidade aquele que, pensado por Milton Santos:

“[...] seria o espaço de todos: empresas, instituições, pessoas, o espaço das vivências. Esse espaço banal, essa extensão continuada em que os atores são considerados em sua contiguidade são espaços que sustentam e explicam um conjunto de produções localizadas, interdependentes, dentro de uma área cujas características constituem também um fator de produção. Todos os agentes são de uma forma ou de outra implicados, e os respectivos tempos, mais rápidos ou mais vagarosos, são imbricados” (SANTOS, 2006,109).

Nos *espaços banais*, os corpos que pulsam do Beco da OFF expressam a síntese dessa potência, descrevendo, em sua corporalidade, espécie de *corpografia urbana*, ou seja, um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que fica inscrita mas também configura o corpo de quem a experimenta” (Jacques, 2008,82).

Essa aura é captada, também, pelo trabalho de dissertação de Fábio Fernandes, que observa o fenômeno artístico associando o bairro e o Beco como margens, a partir do olhar sobre sua aparência decadente (e fascinante) refletida no espaço e nos seres que transitam por lá. Muito além de um *objeto* a ser pesquisado, há ali um material rico em vivências, um original ponto de convergência de culturas, de percepções, de tendências, enfim, a possibilidade de redefinir a própria subjetividade, de reinventar suas identidades, de fugir das interpelações e de provocar outros modelos afetivos, culturais, sociais.

Mas, o que temos observado no último ano, é que o Beco da OFF está ficando maior e as quintas-feiras já não bastam. Ele tem crescido e se expandido. O Beco tem se tornado, por excelência, o espaço de

sociabilidade dos OFF, dos *losers*, o espaço da ex-centricidade. Se outrora o Beco era povoado apenas sextas e sábados, como a ante-sala da boate OFF Club e quintas-feiras, por causa do show de Valerie O'Harah o que vemos hoje, nitidamente, é a ampliação do espaço de ocupação de quarta-feira a domingo e o fluxo/ consumo cada vez maior da população LGBT de Salvador e, claro, de turistas.

Importante ressaltar a participação protagônica dos donos da Creperia La Bouche (onde o show de Valerie é realizado e, também, onde foi realizado o espetáculo *A Alma encantadora do Beco*), Ricardo Brasil e Joana La Bouche. Há motivações de ordem pessoal que ainda estamos levantando, como o fato do irmão guei do Ricardo Brasil ter morrido de AIDS e a ocupação do Beco ser uma espécie de homenagem a ele, mas é importante ressaltar que um casal heterossexual esteja tão empenhado em transformar aquele espaço num espaço de, porque não dizer, resistência e cultura LGBT. Naquele pequeno pedaço de rua entre a Orla da Barra e a Avenida Marques de Leão há, sim, a constituição de uma importante estratégia de poder, visivelmente localizada na política identitária que vem caracterizando o movimento homossexual desde o início de seu aparecimento. Persuadidos de que a macropolítica, representada pelos governos, pela imprensa carecia de poder real de transformação social, Ricardo Brasil e Joana La Bouche optaram por intervenções micropolíticas e, se a militância organizada, as Conferências, os Coletivos, as paradas do orgulho guei são agenciamentos importantes para a coesão, resistência e articulação, o Beco da OFF oferece e ocupa a rua como espaço do exercício de uma micropolítica urbana, tal como pensou Michel Foucault sobre as possibilidades de transformação social através dos novos estilos de vida guei, traduzido por Miskolci quando afirma que “a forma como os gays desafiavam todo código moral estabelecido foi a razão que levou Foucault a acreditar que eles tinham a tarefa histórica de serem porta-vozes de mudanças sociais e políticas.” (Miskolci, 2008, 228).

Algumas pessoas, não necessariamente frequentadores do Beco, para descaracterizar esse espaço de sociabilidade e política, irão repetir o que Loïc Wacquant define como “gueto gay”, expressão que não concordo que se aplique ao Beco da OFF. Se atentarmos para a introdução do Texto *O que é gueto? Construindo um conceito sociológico*, vamos entender que:

“tanto na historiografia da diáspora judaica do começo da era moderna e durante o nazismo, como na Sociologia da experiência negra na metrópole do século XX e na Antropologia sobre a marginalidade étnica na África e na Ásia Oriental, ou seja, nas três áreas em que o termo é empregado, o “gueto” denota uma área urbana restrita, uma rede de instituições ligadas a grupos específicos e uma constelação cultural e cognitiva (valores, formas de pensar ou mentalidades) que implica tanto o isolamento sócio-moral de uma categoria estigmatizada quanto o truncamento sistemático do espaço e das oportunidades de vida de seus integrantes”. (WACQUANT, 2004, 155).

O Beco da OFF, segundo as características de Wacquant, não pode ser encaixado no conceito de gueto porque a rua é patrimônio da multidão e, nesse sentido, ao contrário, há uma desguetificação (Thürler, 2011, 08) das práticas, sejam as artísticas ou as de sociabilidade gueis. Por vezes já presenciei grupos de pessoas que passavam errantes pelo Beco e, imediatamente, foram afetadas pelo que viram, pelo tipo específico de apropriação daquele espaço público que não foi pensado nem planejado pelos especialistas do espaço urbano. Essa “ocupação alegre”, minha atual preocupação, Paola Berenstein Jacques chamou de estado de espírito errante, ou melhor, “estado de corpo. Esse estado de corpo seria, sobretudo, aquele que “busca o estado de espírito errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações gráficas, planificações ou projeções” (Jacques, 2006, 117). Compreendido assim, o espaço do Beco da OFF nega, também, os outros quatro elementos destacados que, para Wacquant, constituem o gueto, “o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional” (Wacquant, 2004, 157).

O Beco da OFF se configura como um espaço inventado, escrito por muitas mãos. Um espaço do reconhecimento de possibilidades de resistência, que positiva e assimila a diferença.

Se por um lado, podemos evidenciar essa assimilação da diferença na aposta em um *casting* guei, seja nas noites de quintas-feiras com as *drag queens*, seja nas outras noites com as cantoras de

MPB que fazem o gênero “banquinho e violão”, há, também, outra preocupação importante dos donos da Creperia, a seleção dos garçons que atendem ao público, que nos últimos tempos, tem sido marcada por seleção de gueis e lésbicas. Essa nunca foi, ao longo da minha experiência como *errante* do e no Beco, uma característica que merecesse qualquer destaque, mas que vem chamando muito a atenção nos últimos meses. Se antes, conseguíamos destacar um(a) ou outro(a) garçon/garçonete guei ou lésbica, hoje todas e todos que trabalham na La Bouche, no atendimento direto com o público não escondem suas identidades e desejos. Quando perguntei informalmente ao Ricardo Brasil, sobre o que chamei de “coincidência”, ele alegou que não era coincidência. Era deliberadamente um ato de micropolítica. Importante foi notar como a relação cliente/empregado de modificou. Parece que a relação de empoderamento nesse caso foi diluída pelo que Eribon chamou de sociabilidade guei (ou lésbica). Segundo o autor, essa prática

“funda-se, primeiramente e antes de tudo, numa prática e numa “política” da amizade: é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, constituir um círculo de relações escolhidas. Como escreve Henning Bech: ‘Estar com outros homossexuais permite ver a si mesmo neles. Permite partilhar e interpretar a própria experiência [...]. As redes de amigos são, com as associações ou os pubs e os bares, uma das instituições mais importantes da vida homossexual’” (ERIBON, 2008, 38).

Essa relação dos clientes com os garçons tem gerado um clima muito leve nas noites do Beco, relação que pode muito bem ser lida a partir de “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, de Norbert Elias e John L. Scotson (2000), quando os autores dizem que

“Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos *outsiders* pode fazer-se prevalecer (...). Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso ao menos poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. Conseqüentemente, a capacidade de estigmatizar diminui ou até se inverte, quando um grupo deixa de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder existentes numa sociedade e de excluir da participação nessas fontes outros grupos interdependentes – os antigos outsiders. Tão logo diminuam as disparidades da força ou, em outras palavras, a desigualdade do equilíbrio de poder, os antigos grupos outsiders, por sua vez, tendem a retaliar. Apela para a contra-estigmatização (...).” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p. 23-24)

Para finalizar, queria dizer que nós, público consumidor, somos responsáveis diretos pela manutenção financeira e simbólica desses espaços. Eu, por mim, venho fazendo minha parte, não só quando escrevo e falo sobre esses espaços que me tomam de assalto, mas quando opto por tomar minha cerveja com eles. Meu *pink money* tem caixa certo.

Referências

- BRAZ, Camilo. *À meia-luz...: uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia, Editora UFG, 2012.
- BRITTO, Fabiana Dultra e JACQUES, Paola Berenstein. *Cenografias e Corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade*. Cadernos PPG-AU/UFBA, Vol. 7, edição especial (2008) Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1280/1/1871.pdf>. (Acesso em: 28/06/2013).
- COUTO, Edvaldo Souza. Walter Benjamin: ruas, objetos, passantes. In: *Walter Benjamin: Formas de percepção estética na Modernidade*. Orgs. Edvaldo Souza Couto e Carla Milano Damião. Salvador, Quarteto Editora, 2008, 63-82.
- ELIAS, Norbert, SCOTSON, Jonh L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: *Corpos e cenários urbanos: territórios ubanos e políticas culturais*. Orgs. Henry Pierre Jeudy e Paola Berenstein Jacques. Salvador, EDUFBA, 2006, 117-139.
- MISKOLCI, R. Estética da existência e pânico moral. In: RAGO, M., VEIGA-NETO, A. *Figuras de Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- THÜRLER, Djalma e FERNANDES, Fábio. *A Alma encantadora do Beco – um convite à saída de nossos refúgios em uma visita às margens*. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, Salvador, maio, 2011. Disponível em (<http://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/a-alma-encantadora-do-beco-e28093-um-convite-c3a0-sac3adda-de-nossos-refc3bagios-em-uma-visita-c3a0s-margens1.pdf>). Acesso em: 31/06/2013)
- THÜRLER, Djalma. *A desguetificação da cultura guei*. I Encontro Funarte de Políticas para as Artes. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/A-DESGUETIFICACAO-DA-CULTURA-GUEI.pdf>. Acesso em 30/06/2013.
- WACQUANT, Loïc. *Que é gueto? Construindo um conceito sociológico*. Revista de Sociologia e Política. Curitiba, Nº 23: 155-164, nov. 2004.

Alley OFF: the last one closes - the alley of diversity and "ex-centricity" or Stonewall Inn is here

The "Beco da OFF" is a conglomerate composed of bars, the nightclub OFF Club and two saunas which together form a showcase of what the brand over night Bahia: diversity, cultural hybridity. From categories as flexibility, plurality, disposable consumption, the notions of risk and new spaces and places for understanding the contemporary world, it is intended here talking about a particular trait off the night Bahia (Salvador / Brazil), which is the occupation of urban Beco da OFF. The Alley has become par excellence the space of sociability OFF, the losers, the space of ex-centricity. If the Alley was once populated only Fridays and Saturdays, as the anteroom of boite OFF Club, what we see today, clearly, is the expansion of space occupancy (Wednesday to Sunday) and flow / consumption growing population LGBT Salvador and of course, tourists. Importantly the protagonist participation of the owners of LaBouche Creperie (where the show is performed by Valerie), Richard and Joan LaBouche Brazil, a heterosexual couple that has helped transform the space into a space, why not say, strength and culture.

Beco da OFF. LGBT Culture. Valerie O'Harah